

ALMIRANTE MOUCHEZ

1821 — 1892

ENVIADO pelo governo da França ao Brasil, em 1861, afim de proceder ao levantamento cartográfico de sua extensa costa, aqui, esteve, por duas vezes o sábio e almirante francês Amedée Ernest Barthélemy Mouchez. Primeiramente no comando do aviso "D'Entrecasteaux" demorou-se entre nós cinco afanosos e fecundos meses, nos quais levantou as 260 léguas de litoral compreendidas entre a cidade do Salvador e o Rio de Janeiro, e as 200 léguas que vão do Cabo de Santa Marta até o Rio da Prata. Voltando mais tarde, desta vez a bordo do "Lamotte-Piquet", terminou essa árdua e grádua tarefa, permanecendo em nossos mares 28 meses de inteligente e profícuo labor.

Afim de melhor descrever a costa brasileira, Mouchez dividiu o seu trabalho em quatro partes: 1.ª secção, do Cabo de S. Roque à Baía; 2.ª, da Baía ao Rio de Janeiro; 3.ª desta cidade ao Rio da Prata e a 4.ª do Cabo de S. Roque ao Amazonas; secções estas correspondentes às quatro grandes divisões naturais que elle já havia adoptado ao organizar a sua carta-roteiro.

O grande astrónomo, não obstante dedicar-se principalmente ao estudo da nossa hidrografia marítima, fez interessantes observações de carácter geográfico e histórico ao longo da vasta faixa litorânea.

Assim, a par do estudo hidrográfico da costa brasileira, que fez com a máxima probidade profissional, Mouchez, nos seus quatro volumes de "Les côtes du Brésil", relata-nos com tanta simpatia a história local de cada cidade, vila e até povoação de pescadores que, bem se pode afirmar ter sido elle um grande admirador do Brasil; não só no que concerne à sua natureza, que lhe encantou deveras, como também à sua gente. Quando da sua estada na Baía, notou o fundador do Observatório de Montsouris (Paris), a crise económica que lá, como em quase todo o país, já se vinha fazendo sentir pela abolição do tráfico negroiro e consequente escassez de braços na lavoura. Observou essa decadência e temeu mesmo não solucionasse o Brasil, com a necessária brevidade, esse grave problema que se agravaria mais ainda quando, vitoriosa a campanha abolicionista já encetada, de todo lhe faltasse o braço escravo. Temor, bem sabemos hoje, fundado até certo ponto.

Histórico foi o carácter dessa intuição de Mouchez. Geográfico, e por isso mesmo mais interessante para nós, foi o sentido desta sua outra não menos genial intuição: Estudando a barra de Canavieiras, o sábio francês repete o que dizem todas as cartas geográficas conhecidas até então, isto é, que o Rio Pardo ou Patipe, nascendo na provincia de Minas Gerais, ainda ali se dividia em dois braços que, correndo para o norte se dirigiam, um para Canavieiras (Rio Pardo) e outro para Ilhéus (Rio Cachoeira). Repete, objectando porém « bien que cette circonstance paraisse assez singulière, le fait de la bifurcation de cette rivière à un point fort élevé de son cours est affirmé dans diverses ouvrages traitant de la géographie du Brésil. » Nas cartas modernas, contudo, não mais consta esta bifurcação fluvial, o que prova o grande conhecimento dos assuntos geográficos e a intelligência intuitiva de que era dotado.

Outro fato de interesse histórico é o resultado do estudo minucioso que faz Mouchez da carta de Pedro Vaz Caminha, companheiro de viagem do descobridor do Brasil, chegando à conclusão após lembrar os poucos conhecimentos náuticos da época, que o motivo plausível do descobrimento, fóra um erro de rota do navegante português.

São muito pessoais os estudos de Mouchez sobre as costas do Brasil, não obstante ter elle aproveitado, ou antes, ratificado os levantamentos de Vital de Oliveira, o glorioso official da nossa Marinha de Guerra. Já o mesmo não pôde elle fazer com os estudos que a bordo da "Bayadère" fez o almirante Roussin, da Marinha Francesa, de quem Mouchez, em toda sua obra, salienta os erros.

Talvez à conta do deficiente aparelhamento náutico do início do século XIX, se pudessem levar essas falhas, embora não seja esse o espírito de Mouchez, quando analisa o trabalho de seu colega e compatriota. Nota-se, até uma certa dureza no grande hidrógrafo, quando se refere aos enganos do almirante Roussin.

Assim, segundo Mouchez, aquele hidrógrafo que, num navio a vela, primeiro levantou as costas do Brasil, incorreu, entre outros, num erro de dez milhas mais ao sul de sua verdadeira posição, collocando os recifes de Itacolomi, entre as latitudes de 16° 57' e 17° 8'.

Quanto aos erros de Roussin, tão severamente criticado, lembremos apenas que os estudos do comandante da "Bayadère" objectivavam tão só a navegação a vela e um esclarecimento geral da costa brasileira; pois outra não fóra a missão por elle recebida. Demais, em assuntos cartográficos acordamos com Voltaire quando diz: « Les cartes de géographie est peut-être le seul art dans lequel les derniers ouvrages sont les meilleurs. »

Nasceu o almirante Mouchez em Madri a 24 de Agôsto de 1821, e faleceu em Wissons a 25 de junho de 1892. Deixou publicadas as seguintes obras: "Nouveau manuel de navigation dans le Rio de la Plata, (1862)"; "Les côtes du Brésil, description et instruction nautiques (1864-1874)"; "Recherches sur la longitude de la côte orientale de l'Amerique du Sud (1867)"; "Rio de la Plata, description et instruction nautiques (1873)"; "Instructions nautiques sur les côtes de l'Algerie (1879)"; "La photographie astronomique à l'Observatoire de Paris et la carte du ciel (1887)". Deve-se-lhe, também, a invenção dum astrolábio aperfeiçoado.

A Academia de Ciências, da França, da qual dois anos mais tarde Mouchez foi membro, enviou-o em 1875 à ilha de S. Paulo afim de observar a passagem de Venus pelo disco solar. Em 1878 foi nomeado diretor do Observatório de Paris.

Pela sua meritória obra "Les côtes du Brésil", incluiu-se o sábio francês na plíade dos grandes homens da Humanidade, que o Brasil teve a seu serviço.



E. Mowbray